

O HOMEM E A DOR

O homem de concepções indefinidas,
Que tatêia nas trévas da ignorância,
Nada regista além da substância
Da carne estranha que sufoca vidas.

Faminto nos celeiros da abundância,
É o herdeiro da lágrima, em feridas,
Sepultado em micróbios homicidas,
Outro Job, pela chaga e mendicância.

É êsse homem que, cégo á luz divina,
Arma os canhões para a carnificina,
Sonâmbulo sem luz, sem paz, sem norte;

Mas a dôr que lhe assiste as derrocadas,
Modifica-lhe as míseras estradas,
Nas expressões irônicas da morte.

A. dos Anjos.

NO ESCÂNDALO DA CRUZ

Finda a crucificação, esprou o Mestre o olhar pela turba inconsciente. As opiniões contraditórias do povo alcançavam-lhe os ouvidos. Ocultavam-se os beneficiários de seu amor. Era constrangido, agora, a permanecer entre o insulto dos acusadores e o escárnio da multidão.

Angustiado, identificava a maioria dos semblantes.

Alí, comprimiam-se pessoas da cidade que lhe conheciam a missão divina; mais além, acotovelavam-se romanos aos quais socorrêra, generoso, ou romeiros de regiões diversas, que lhe deviam favores e benefícios. Quasi todos haviam comparecido á festividade de sua entrada triunfal em Jerusalem, comentando-lhe o feito, na ressurreição de Lázaro, ou recordando-lhe, entusiasmadamente, a virtude, a cooperação, o ânimo e o serviço.

Não haviam decorrido muitas horas e as mesmas bôcas ridicularizavam-no, sem piedade.

— Por que não reagíra, em recebendo a ordem de prisão?

— Não seria razoável a fuga dos discípulos diante de sua tolerância em frente aos sequazes dos sacerdotes?

— Não salvara a tantos? por que não remediara a si mesmo?

— Ensinar a resistência ao crime e ás tentações... por que se entregava, assim, como desordeiro vulgar?

— Não seria vergonha atender a missionário como aquêlê, incapaz de qualquer reação? Entretanto, um dia, indignára-se no templo, perante os mercadores infieis...